

A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO MISTO NO COLÉGIO MARISTA SANTA MARIA DE CURITIBA NO FINAL DA DÉCADA DE 1970

Adriano Cecatto*

Analisando um pouco mais o papel desempenhado pela Igreja Católica no Brasil, principalmente no tocante à educação da juventude, foram muitas as questões que vieram em mente e nos fizeram olhar para além dos fatos historicamente colocados. Com esse intuito buscou-se compreender por que tão tardiamente o Colégio Marista Santa Maria de Curitiba passou a incluir meninas em seu estabelecimento, trabalhando com ambos os gêneros após meio século de fundação.

Após o Concílio Vaticano II¹, as instituições de ensino católicas, em face das exigências sociais, iniciaram a passagem para o sistema misto de ensino, o que não ocorreu de modo automático e homogêneo. Isso indica que as mudanças não ocorreram de forma automática nem entre as demais congregações religiosas voltadas ao ensino, nem mesmo dentro da própria Instituição Marista. Por esse motivo, pretendemos entender o que impulsionou o Colégio Santa Maria a tomar a decisão de implantar a educação mista e compreender os mecanismos que a Instituição utilizou para efetivar essa implantação. Desta forma, nosso objeto nos remete às adaptações que o próprio Colégio fez, por meio de discursos em face dos avanços sociais, na tentativa de manter as idéias conservadoras que se prolongaram com outra configuração, após 1965, rendendo-se ao sistema de educação mista somente no final da década de 1970.

Para a análise das fontes, percorremos os boletins que tiveram periodicidade mensal no Colégio, destinados aos alunos e às famílias. Desta forma, analisamos 87 publicações, entre os anos de 1972 a 1982. Um dos objetivos do boletim analisado², e que transpareceu nos discursos, foi a necessidade da responsabilidade com a educação que precisaria existir tanto da parte da escola como da família. A criação do informativo se deu porque havia falta de comunicação entre esses dois setores.

* Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

¹ Segundo Gutierrez (1995, p.54): “Este Concílio constituiu o maior legado de João XXIII e de seu sucessor Paulo VI. Inaugurado em 11 de outubro de 1962, estendeu-se durante quatro laboriosas sessões até o dia 08 de dezembro de 1965.”

² Analisamos os Boletins mensais do colégio, de junho de 1972 até novembro de 1982. De junho de 1972 a junho de 1977 foi intitulado de ‘**O Apeemista**’; de março de 1978 a novembro de 1982 se **chamará ‘O Santa Maria**’; de 1983 em diante, chamar-se-á ‘Alvorada’, fazendo menção ao novo colégio inaugurado em 1984, no Parque São Lourenço.

PENSANDO A EDUCAÇÃO MISTA

Queremos apontar a discussão acerca do ensino misto, a fim de entender como ocorreu essa passagem, aliada ao pensamento da Igreja Católica, estrategicamente com a divulgação das encíclicas, ao passo que alguns autores também nos apontam algumas reflexões acerca da educação nesse período. Daniela Auad (2006, p.62), sugere que

Nos Estados Unidos e nos países do norte da Europa- como a Noruega, Finlândia, Suécia- vinculados ao protestantismo, a prática da escola mista foi implantada já no século XIX. Porém, a maioria dos países europeus vinculados ao catolicismo- como Espanha, Itália, França, Portugal, Bélgica, Inglaterra -, a escola mista despertava, ainda no século XX, oposição e era ainda prática minoritária nos sistemas de ensino

Auad refere-se à França e à Espanha como países com grandes entraves pedagógicos devido aos fatores políticos e religiosos. Setores vinculados à Igreja Católica “demonstravam, com argumentos morais e religiosos, a perniciosidade da educação conjunta” (AUAD, 2006, p.62). Roseli Boschilia também aponta que essa discussão já vigorava na França e Estados Unidos na segunda metade do século XIX, e que esse sistema já estava implantado há algum tempo. Professores que discutiam essa questão consideravam que

a idéia era inaplicável no Brasil, porque segundo os princípios católicos, a convivência entre indivíduos de gêneros distintos era aceito somente para fins de procriação, e, nesse sentido, a co-educação era prejudicial à criança e, principalmente ao jovem, porque a fragilidade ‘natural’ do ser humano poderia levá-lo a transgredir os princípios morais (...) O papel da Igreja, e também da escola, deveria ser o de impedir que os cristãos ficassem suscetíveis ao pecado (BOSCHILIA, 2002, p.38).

Foi muito forte a resistência da população brasileira em relação ao ensino misto, justamente por não se dissociar o campo religioso do campo moral, pela dificuldade inicial das escolas brasileiras em separar a questão religiosa do espaço escolar. Nesse sentido a Escola Nova³, na década de 1920, influenciada pelo filósofo John Dewey, no Brasil sob liderança de Anísio Teixeira, propunha nesse movimento escolanovista como projeto pedagógico, o ensino oficial obrigatório, gratuito, leigo e misto (AUAD, 2006, p.67). Defendiam a necessidade urgente de políticas educacionais para o país, que considerassem a laicidade e a co-educação do ensino. Já para alguns intelectuais católicos, entre eles, Alceu Amoroso Lima, “a questão da laicidade e da co-educação representava uma afronta aos

³ A década de 1920, na área da educação, foi um período de grandes iniciativas. Foi a década das reformas educacionais. Não havia ainda um sistema organizado de educação pública, como é hoje a rede de ensino controlada pelo Ministério da Educação. Abriu-se assim grande espaço para propostas em prol da educação.

princípios da educação católica” (BOSCHILIA, 2002, p.46). Os escolanovistas defendiam a escola mista tão combatida pelos conservadores, mesmo que o objetivo inicial não tenha sido o de emancipar as mulheres dos domínios masculinos. “Na verdade, o que se notava predominantemente era a defesa da escola mista como uma forma econômica de organizar as classes escolares” (AUAD, 2006, p.67). A passagem para o ensino misto interessava ao governo, visto que a manutenção em classes separadas para meninos e meninas aumentaria os custos dos cofres públicos, o que seria um empecilho para a implantação do ensino oficial e gratuito.

Segundo Auad (2006, p.68), a escola primária mista foi oficialmente implantada no Brasil na década de 1920, mas a separação e a hierarquização entre homens e mulheres mantiveram-se com a utilização de diferentes mecanismos. Nessa perspectiva, a escola mista foi insuficiente para combater a discriminação das mulheres. Segundo essa autora, o fato de a escola funcionar como sistema misto não quer dizer que ela esteja possibilitando a co-educação. Não basta unir meninos e meninas numa sala de aula para diminuir a desigualdade presente entre os sexos, então não basta que ambos os sexos tenha acesso à escolarização

Assim, a escola mista é um meio e um pressuposto para haver co-educação, mas não é suficiente para que esta ocorra. Em uma escola mista, a co-educação pode se desenvolver, mas isso raramente acontecerá sem medidas explicitamente guiadas em que objeto seja o fim da desigualdade de gênero. (AUAD, 2006, p.56).

Léa Rezende Archanjo, ao analisar as relações sociais de gênero estabelecidas dentro do Colégio Estadual do Paraná, nas décadas de 1950 e 1960, notou que “a organização das turmas por turno de acordo com o sexo dos alunos permaneceu no Colégio Estadual do Paraná até meados dos anos 80” (ARCHANJO, 1998, p.85). Dessa forma, as práticas escolares e os papéis reproduzidos socialmente sobre homens e mulheres, estavam vinculados ao desenvolvimento da sociedade, que acabou por exigir maior grau de profissionalização, além de impulsionar as mulheres para a inserção profissional, entendendo-se a escolarização como meio eficaz e propulsor de mudanças. Nessa perspectiva, podemos reconhecer alguns avanços significativos citados por Hobsbawm (1995, p.306) no decorrer os Anos Dourados:

Na verdade, as mulheres como um grupo tornavam-se agora uma força política importante, como não eram antes. A primeira e talvez mais impressionante exemplo dessa nova consciência de gênero foi a revolta das mulheres tradicionalmente fiéis aos países católicos romano contra doutrinas impopulares da Igreja, como foi mostrado notadamente nos referendos italianos em favor do divórcio (1974).

Para Zaíra Ary, nas instituições mais tradicionais, como é o caso da Igreja e das Escolas Católicas, a resistência foi muito maior para a emancipação feminina. É justamente o

acesso ao saber que garantirá à mulher o poder por meio do acesso à formação secundária e universitária.

As desigualdades presentes e as alternativas, que a educação mista acabou fornecendo para o desenvolvimento intelectual, possibilitaram às mulheres almejar profissionalização para adentrar nos espaços públicos. Nessa perspectiva, o momento histórico do final da década de 1970 passou a exigir maior preparação profissional para o mercado de trabalho.

A ABERTURA DO COLÉGIO PARA O ENSINO MISTO OU CO-EDUCAÇÃO

No período pós-Vaticano II, praticamente todos os colégios Maristas do Brasil já tinham iniciado o processo de implantação do ensino misto ainda no decorrer da década de 1960. Isso denota que foram todos dentro da mesma década; no entanto, não foram todos no mesmo ano e de uma só vez. O Colégio Santa Maria, pertencente à Província Marista de São Paulo até o ano de 2001, administrativamente compreendia os Estados de São Paulo, Paraná e Distrito Federal. Deste modo, pudemos perceber que 10 dentre os 11 Colégios Maristas da mesma província realizaram essa mudança entre os anos de 1965 e 1970, sendo o Santa Maria o último, como foi apontado pelo jornal *O Estado do Paraná*: “O Santa Maria deve ser o último, ou um dos últimos, dos Irmãos Maristas, a tomar essa atitude” (*O Santa Maria aceita meninas*, 18/02/1979).

No Santa Maria, a presença feminina já tinha sido antecipada no final da década de 1950 com a presença de professoras. Por sua vez, veremos que a inclusão de discentes, futuramente trouxe a exigência de ampliar esse quadro de funcionárias mulheres. Consta no jornal⁴ comemorativo dos 80 anos do colégio que a primeira professora foi contratada em 1959, o que não era comum acontecer entre os colégios masculinos neste período pré-Vaticano II: “Numa iniciativa ousada, o Instituto Santa Maria, em 1959, resolveu contratar uma professora. Até então, apenas Irmãos e professores leigos do sexo masculino davam aulas (...)” (INFORME SANTA MARIA, 2005, p.05).

Para fazer frente a essa necessidade de contar com o trabalho de professores leigos, o Santa Maria promovia encontros semestrais intensivos destinados à formação docente, fundamentada no Projeto Educativo Marista e nos princípios cristãos. “Um grupo que busca trabalhar unido, ter metas comuns, co-divide as responsabilidades e tenta ser cada vez mais consciente e eficaz na sua ação educativa: isto está procurando ser o Corpo Docente do Santa Maria” (O APEEMISTA, 1974, n.37). Nessa perspectiva, o n° 54 (O APEEMISTA, 1976) fez

⁴ Informe *Santa Maria*, Curitiba, outubro de 2005. Foi uma edição especial em comemoração aos 80 anos do Colégio.

alusão à necessidade da formação religiosa desses educadores: “Professor, não se considere simples profissional da instrução, nem tão somente distribuidor remunerado da sabedoria. Você é muito mais: você é um ministro do sacrifício em que sacerdote e vítima se misturam, para o sustento dos outros.” Essa preocupação com a formação docente se manteve como meta fundamental no processo educativo entre os boletins analisados.

Além de ser um colégio tradicional, reconhecido consecutivamente, todos os anos, na década de 1970 pela sociedade curitibana como o melhor estabelecimento de ensino, merece destaque a formação esportiva organizada pelos educadores. O Santa Maria sempre esteve entre os primeiros colocados nos torneios dentro e fora de Curitiba. Até nesse aspecto se faz sentir a ausência feminina. Embora promovessem um famoso futebol de final de ano entre as professoras⁵, foi mais sentida a ausência nas competições externas ao colégio. Ao participarem dos jogos promovidos pela Escola Técnica da Federal em 1977, o redator do boletim expressa-se ‘indignado’ porque o Santa Maria não ganhou o troféu máximo. Para isso, foram somados os pontos das modalidades masculina e feminina, e neste caso, o Santa Maria ainda não tinha o ensino misto.

O Santa Maria, convidado, compareceu e somente não trouxe o Troféu Máximo porque o Regulamento (?) previa a soma de pontos das Equipes masculina e feminina. Há 52 anos toda Curitiba sabe que o Santa Maria não é misto. Mas nos convidam para uma competição desigual...Mesmo assim chegamos perto...balançando o esporte colegial da capital: 86 pontos contra 111 dos mistos (O APEEMISTA, 1977, n.59).

Gradativamente foram sendo sentidas socialmente as necessidades de se concretizar a presença das meninas no Colégio, pois esse cenário já era vislumbrado na educação de Curitiba.

A entrada oficial das meninas no Colégio Santa Maria data do ano letivo de 1979, embora, como já comentamos, algumas já tivessem entrado nas séries iniciais no ano anterior. Dessa forma, os bancos escolares deixaram de ser ocupados exclusivamente por rapazes.

O Colégio Santa Maria, de certo modo, se completava, e o gesto dos rapazes, recepcionando cada uma das moças com um botão de rosa, mais do que simples ato de cavalheirismo, escrevia uma página da nossa história: acolhiam uma nova presença, a presença delas (O SANTA MARIA, 1979, n. 09).

Como essa mudança para o ensino misto já tinha ocorrido nos demais colégios maristas, o novo diretor que assumiu a administração em 1978 decidiu mudar também no

⁵ “Por um momento as atenções esportivas voltadas para a competição da Copa do Brasil abriram espaço para um acontecimento local: O ATLE-TIBA das professoras do Santa Maria (...) Nenhum cartão nem palavrão ou falta desleal. Mais um balé do que competição. Muito do agrado da torcida vibrante” (O SANTA MARIA, 1978, n.05).

Santa Maria, porque no Colégio Arquidiocesano de São Paulo, onde estava anteriormente, a mudança teria “apaziguado” muitas confusões, brigas, e outros comportamentos indisciplinados no ambiente escolar. Também o fato das famílias serem constituídas de dois a quatro filhos, facilitou às famílias ter todos os filhos no mesmo colégio, ou seja, não precisaria mais levar os meninos para o Santa Maria e as meninas para um colégio administrado por freiras. Propiciando essa mudança, muitos problemas estariam resolvidos. Em conversa com esse Irmão Marista, que hoje está com seus 86 anos, comentou que a disciplina do Santa Maria não estava nada boa e que ele teria sido designado para a direção, a fim de melhorar esse cenário. Referindo-se ao Irmão Celedônio Cruz, o boletim aponta que “o novo Reitor traz uma larga bagagem de serviços e de experiências que o credenciam à total confiança do corpo docente e discente” (O SANTA MARIA, 1978, n.01).

A entrada das meninas ocorreu já em 1978 com a matrícula de 66 meninas nas séries iniciais. Com referência à entrada do gênero feminino, embora tenha sido a 53 anos depois da fundação, e não 52: “Cinquenta e dois anos depois, o Santa Maria abre as suas portas ao elemento discente feminino (...) Jamile Zanardine passa à história como a primeira menina matriculada no Colégio Santa Maria”(O SANTA MARIA, 1978, n.01). Essa mudança exigiu cautela por não se saber se de fato obteriam sucesso, por isso o começo com um número reduzido de meninas, e somente compondo as séries iniciais.

Em fevereiro de 1979 essa passagem se deu por completo:

Naquela manhã de entrada escolar, nas salas de aula alguma coisa pairava no ar. Não era curiosidade apenas, nem só uma indefinível novidade: era uma nova realidade, sentida por todos – a presença de meninas nos bancos escolares tanto tempo exclusivamente dos rapazes (O SANTA MARIA, 1979, n.09).

Diferentemente do ano anterior, percebemos que houve a preocupação em receber essa nova clientela de forma que pudesse marcar a todos, e a entrada das meninas ocorreu em todas as séries:

A presença das meninas em todas as salas do Santa Maria, passando um mês e tanto de aula, constituiu-se um fato que não podia passar sem registro especial. Era mesmo, para o repórter, acostumado com a só presença masculina, um prato tentador (O SANTA MARIA, 1979, n.09).

As meninas exaltavam a qualidade da educação do Colégio e a forma como foram bem recebidas, pois achavam impossível que um dia pudessem vir a estudar no Santa Maria. O depoimento de uma aluna da 8ª série diz o seguinte:

Aquilo que parecia um bicho de sete cabeças, (nossa chegada) na realidade não existiu. Fomos bem recebidas e nos integramos no grupo como se o Colégio sempre tivesse sido misto. Encontrei aqui o Ir. Celedônio Cruz, que já conhecera no Arquidiocesano de São Paulo, e aprendera a admirar. É uma das coisas boas que o Colégio tem, além de bons professores e boa disciplina (O SANTA MARIA, 1979, n.09).

A partir desse cenário, além da preocupação em se contratar professoras, buscaram adaptar seus espaços em função dessa nova demanda. Estrategicamente, para acolher essa nova clientela e garantir o processo de educação mista com relativo sucesso, o colégio procurou criar uma nova cultura no espaço escolar. Nesse sentido, nos três primeiros anos (1979, 1980, 1981), promoveu um evento institucional e social para a escolha da ‘*Garota Santa Maria*’. “Pela primeira vez em sua história, o GASM promove o Concurso GAROTA SANTA MARIA. Objetiva, assim, um maior entrosamento escola-pais-alunos” (O SANTA MARIA, 1979, n.14).

Também eventos como o baile de debutantes, em que o colégio, em seu discurso, fez questão de enfatizar a importância feminina no processo educacional. Assim expressou o Diretor Irmão Celedônio:

‘Vocês, minhas amigas, permitam que assim as chame, são muito importantes para o Colégio Santa Maria. Sua presença entre nós tem um significado muito especial e válido na tarefa educacional’ (...) Agradeceu aos pais a confiança depositada na direção do Colégio, tão significativa neste primeiro ano de alunas compondo o corpo discente, tantos anos apenas masculino (O SANTA MARIA, 1979, n.15).

E acrescenta-se no editorial do informativo nº 22 (O SANTA MARIA, 1980): “Na primavera da vida, vocês são como as flores: viçosas, coloridas, orvalhadas, desejadas. Mas o destino da flor, paradoxalmente, para ser, é murchar e cair, permitindo o nascimento do fruto”. Oportunamente por meio desses eventos, aliado ao departamento feminino da APM, o colégio estabeleceu ‘certa naturalidade’ nas relações entre meninos e meninas.

Considerando o aspecto do progresso social, as mudanças culturais e a crescente urbanização, a encíclica *Gravissimum Educationis* não deixou de apontar a necessidade da fundação e adaptação de novas escolas, em consonância com os “novos tempos”. Essa questão da modernidade acabou fazendo-se muito presente na maioria dos informativos, da necessidade vigente do colégio atender para as necessidades sociais sem perder de vista o objetivo primeiro da instituição: “*Formas bons cristãos e cidadãos virtuosos*”. Por isso o colégio foi gradativamente pensando em modernizar seus espaços, articulando a construção de um novo prédio capaz de atender às exigências modernas, a fim de “*preparar as gerações*

de amanhã”. Tanto é que, em 1983, o boletim passou a ser intitulado de ALVORADA, justamente para receber o novo prédio que surgiria para acompanhar os processos da modernidade.

Outro aspecto sentido pelos maristas nesse panorama da modernidade foi a concorrência em relação às outras escolas particulares, principalmente as não religiosas. Por isso fizeram críticas às propagandas incisivas feitas pelas demais escolas:

(...) não podemos deixar sem registro crítico o que se vê, ou se viu, nesta entre-safra das aulas: a disputa comercializada da educação. Todos, não bem todos felizmente, querendo mostrar as ‘qualidades’ do seu produto, num bombardeio, à qui mieux mieux, áudio-visual, colorido e quanto caro, para atrair a clientela. Só atrair? (O APEEMISTA, 1977, n.57).

Isso também denota a necessidade de o Santa Maria ir além da tradição e começar a criar mecanismo de renovação para enfrentar a modernidade, principalmente porque a concorrência passou a bater nas portas da instituição, que até a década de 1970 contava com sua tradição para receber novos alunos. Além da necessidade de se modernizarem os métodos de ensino, o colégio sentiu a evasão no ensino secundário, constatada antes da presença das meninas, pois já se pensava na importância e na necessidade do contato entre meninas e meninos no mesmo espaço escolar.

Nessa perspectiva, masculino e feminino não são determinações biológicas, mas, que gênero “é uma construção social apreendida, institucionalizada, representada e transmitida através de gerações” (ARCHANJO, 1997, p.171). Isso nos remete a pensar o rompimento com uma relação tradicional e convencional entre o gênero masculino em busca de relações entre iguais, conforme as mudanças dos papéis profissionais a serem desempenhados por homens e mulheres. É nesse contexto que a entrada de alunos do gênero feminino no Santa Maria nos leva a considerar os aspectos sociais e as necessidades econômicas de sobrevivência da instituição, aliada à necessidade urgente de adaptação para viver o processo de concorrência imposta pelo mercado até então não sentido. Embora remando, em parte, contra a moral e contra os valores creditados pela Igreja Católica, as escolas católicas precisaram aceitar essa modalidade educativa, a fim de entrar na dinâmica ritmada pela modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se reconhecer que uma das estratégias utilizadas pela Igreja para fazer frente à modernidade foi a política de implementação de Escolas Católicas, e posteriormente, a

mudança para a educação mista. Esta passagem para o ensino misto não ocorreu de forma automática entre os colégios maristas; o Santa Maria foi o último a implementar esse processo educativo, no final da década de 1970. Um dos motivos do atraso em incluir o gênero feminino na instituição deve-se ao fato da presença de um catolicismo bastante tradicional, que permeava a sociedade curitibana e ao próprio medo da instituição em mudar o perfil de atendimento, justamente numa época em que somente a tradição não garantiria o sucesso diante da concorrência que permeava o mercado educacional. Essa divisão que existia dentro do Santa Maria, assim como nos demais colégios católicos, nos leva a pensar que é reflexo da mentalidade cristã católica presente nas estruturas sociais.

Ao longo dos boletins analisados, foi freqüente o discurso acerca do progresso em confronto com a modernidade. Um progresso que não foi visto com bons olhos pela Igreja Católica e que deveria ser combatido pela educação cristã, pois foi necessário contrapor-se à modernidade que estava cada vez mais dificultando o discurso do Colégio acerca da família e da tradição. Nessa perspectiva, a defesa dos valores por parte da Igreja se fez necessária; mais ainda, a necessidade de adaptar o Colégio em função de uma nova demanda, com novas exigências. Essa constante repercussão e notoriedade do discurso justificavam a necessidade de o Santa Maria atentar ao progresso social, pois seu discurso estava alinhado ao da própria Igreja no ordenamento das encíclicas papais.

Nesse sentido, o Santa Maria, apoiado no discurso da Igreja Católica, soube adaptar-se às rápidas transformações que vinham ocorrendo na sociedade. Mesmo o Colégio, mantendo-se com discurso e postura pautados pela tradição, foi capaz de elaborar estratégias para adentrar e acompanhar a modernidade, tendo em vista as necessidades da juventude. Assim, reconhecemos o constante conflito entre modernidade e tradição. Um dos mecanismos necessários para a sobrevivência institucional, sem dúvida, foi a abertura do colégio para a educação mista.

BIBLIOGRAFIA

ARCHANJO, Léa Resende. **Gênero e Educação**- relações de gênero no Colégio Estadual do Paraná (1950/1960). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

_____. **Mulheres na História**: Paraná – Séculos 19 e 20. TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; MARTINS, Ana Paula Vosne (orgs). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

ARY, Zaíra. **Masculino e feminino no imaginário católico**: da ação católica à teologia da libertação. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: uma relação de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil**: Contribuição dos Irmãos Maristas. São Paulo: Loyola: SIMAR, 1997, 4 v.

_____. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008.

BOSCHILIA, Roseli Terezinha. **Modelando Condutas**: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba, 1925-1965). Curitiba: UFPR, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do Tempo Presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, n° 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

_____. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

MANOEL, Ivan A. **Igreja e a educação feminina (1859-1919)**: uma face do conservadorismo. São Paulo: Unesp, 1996.

REIS, José Carlos. **História e Teoria**: historicismo, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Ed. FGU, 2003.

RIVAS GUTIERREZ, Exequiel. **De Leão XIII a João Paulo II**: cem anos de doutrina social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1995.

FONTES:

BOLETIM INFORMATIVO [do] Colégio Santa Maria. Curitiba, 1978-1982.

CONCÍLIO VATICANO, 2.; BOAVENTURA, Frei; VIER, Frederico. Declaração *Gravissimum Educationis*: GE. In: _____. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 579-596.

INFORMATIVO DA ASS. DE PAIS E MESTRES [do] Colégio Santa Maria. Curitiba, 1972-1977.

INFORME SANTA MARIA [do] Colégio Marista Santa Maria. Curitiba, out. 2005.

O ESTADO DO PARANÁ. **Santa Maria aceita meninas**. Curitiba, 18/02/1979